

## REFLEXÕES SOBRE SUICÍDIO JUVENIL: CAUSAS E EFEITOS NO CENÁRIO BRASILEIRO DO SÉCULO XXI

Maira Folleto Jost <sup>1</sup>  
Vinicius Da Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem o propósito de fazer uma reflexão sobre as causas do grande número de suicídio entre a juventude nos dias de hoje, sendo que, o modo de produção capitalista nos ensina a viver a cultura do ter ao invés da cultura do ser”. O que ocasiona inúmeras frustrações, quer seja na seara econômica quanto na emocional, causando os casos de suicídios por não saber lidar com o vazio interior ocasionado pela frustração do não ter ou do ter e não ser. Considerando, “que para superar o mal do suicídio e as demais mazelas que o antecedem – a depressão, a ansiedade, a angústia, o medo e a dúvida – é preciso que se pense na transformação social”. Onde o ser seja valorizado em sua plenitude, e acima de tudo. Para tanto o presente trabalho se utiliza do método dedutivo- analítico, pesquisa bibliográfica

**Palavras-chave:** Suicídio Juvenil, Comportamento, Políticas Públicas, Internet, Juventude.

### INTRODUÇÃO

Diante do linear da nova era tecnológica, e do desenvolvimento da sociedade, lhe coube ter em seu meio algumas mazelas e epidemias sociais, quando se vislumbra o porque da nossa atual juventude cometer suicídio, ficamos a pensar, o que será de nossa futura.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS-RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho), [mairajost@gmail.com](mailto:mairajost@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Especialista em Direito Constitucional; Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul- UFRGS- RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho- RS), [viniciusdsp@hotmail.com](mailto:viniciusdsp@hotmail.com) ;

Nesse sentido, a nossa geração, vem enfrentado uma seria, onda de descreitito na vida e na sociedade.

Ademais o que os pais/escola/sociedade pode fazer para estancar essa grave crise, no inerior de nossa sociedade. Sendo que, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio tem ocasionado um total de 800.000 mortes por ano. “O suicídio tem incidência maior nos países de baixa e média renda, mas também ocorre em países onde a população tem uma renda geral considerada elevada”. (ALMEIDA, 2017, p. 01).

Assim “acreditamos que para superar o mal do suicídio e as demais mazelas que o antecedem – a depressão, a ansiedade, a angústia, o medo e a dúvida – é preciso que se pense na transformação social”, Sendo que, “é preciso que, assim como nos ensinou Marx, o modo de produção capitalista e todas as relações sociais antagônicas e de exploração produzidas por ele sejam superadas e deem lugar a uma nova sociedade onde os indivíduos sejam livres”, ou seja, “para desenvolver suas potencialidades e realmente sejam plenos de compreender as suas necessidades e as necessidades daqueles que o cercam”.(ALMEIDA, 2017, p. 19)

Desse norte vislumbramos que apenas as políticas públicas para acabar com o suicídio não será possível ou seja “será preciso uma mudança mais radical no modo de produção capitalista como um todo para que esse mal que tanto assola a sociedade possa ser superado?” Pensamos “que as políticas que vem sendo elaboradas podem até surtir efeito, mas não serão suficientes para acabar com o suicídio”. Ademais tendo em vista “o fato do modo de produção capitalista ser um sistema de grave desigualdade e que gera vantagens apenas para aqueles que possuem os meios de produção”. Nesse sentido “o modo de produção capitalista nos ensina a viver a cultura do ter ao invés da cultura do ser”. O que ocasiona inúmeras frustrações, quer seja na seara econômica quanto na emocional, causando os casos de suicídios por não saber lidar com o vazio interior ocasionado pela frustração do não ter. (ALMEIDA, 2017, p. 17)

Assim, esse artigo, ou melhor essa breve reflexão não terminativa vai analisar sob a ótica do método dedutivo- analítico, pesquisa bibliográfico.

## **Considerações sobre os aspectos históricos**

O suicídio constitui-se em um dos mais antigos temas relacionados à saúde dos indivíduos e à forma como são afetados pelas sociedades e coletividades nas quais vivem. Em termos históricos, sua relevância no plano social pode ser identificada desde a Grécia antiga. (RIBEIRO, 2018, p. 02)

Em tempos modernos, ao menos desde o século XVIII, tem sido tratado como fenômeno social e segundo perspectivas históricas, sociológicas, econômicas e filosóficas. Para entender sua radicalidade, seus estudiosos, histórica e esquematicamente, alinharam-se a posições que o consideram desde o ato mais individual do ser humano até os que o compreendem como uma decorrência da pressão social – o que esvazia a individualidade como causa –, passando por aqueles que, de diferentes e pouco articuladas maneiras, pretendem articular em suas explicações as dimensões individuais e sociais. No âmbito dos que analisam o suicídio em suas dimensões individuais, destacam-se os que estudam os aspectos clínicos individuais, usualmente analisados de modo agregado por especialidades como a epidemiologia e a saúde pública. (RIBEIRO, 2018, p. 02)

Nestes casos, o suicídio é considerado um transtorno da saúde do indivíduo e analisado por profissionais relacionados à saúde mental e pelas diversas escolas de psiquiatria e psicologia. Não desdenhando dessas explicações, Durkheim, situa-se em polo oposto. Preocupado em consolidar as bases da sociologia como ciência social, considera que os casos de suicídio em que os indivíduos apresentam transtornos mentais são, sim, casos para a psicologia. Porém, para ele, cada sociedade, em qualquer tempo histórico, tem uma disposição definida para o suicídio composta por pessoas que não apresentam transtornos mentais. (RIBEIRO, 2018, p. 02)

Nestes casos, o suicídio é fruto da pressão ordenadora que a coesão social exerce sobre os indivíduos. Aqui, não cabe falar em problemas de saúde individuais, mas em problemas sociais e econômicos. (RIBEIRO, 2018, p. 02)

De certa forma, o conceito ampliado de saúde expresso em Alma-Ata e a incorporação dos determinantes sociais situam o campo da saúde pública – cuja origem tem pilares na medicina, nas ciências sociais e na epidemiologia – como aquele que tenta produzir uma síntese desses dois grandes polos explicativos sobre o suicídio. Embora não haja entre os estudiosos deste campo uma unidade que articule as diferentes formas de se produzir tal síntese, é possível perceber um consenso genérico em compreender o suicídio como uma questão individual com causas sociais. (RIBEIRO, 2018, p. 02)

Situando-se neste campo, o presente artigo tem como objetivo contribuir para uma melhor compreensão do suicídio entre adolescentes e jovens no Brasil; “Um mundo que se pode explicar, mesmo com más razões, é um mundo familiar, mas, pelo contrário, num universo subitamente privado de ilusões e de luzes, o homem sente-se um estrangeiro”. (RIBEIRO, 2018, p.2-3)

De acordo com estudo epidemiológico de suicídio no Brasil entre 1980 e 2000, é praticamente nulo o conhecimento sobre as taxas de tentativas de suicídio ocorridas, o que de fato acontece em muitos outros países. (KUCZYNSKI, 2014, p.248).

Estima-se que, na maioria dos países europeus, o número de tentativas seja de 10 a 40 vezes maior em relação ao de mortes por suicídio. O quadro de emergência psiquiátrica mais comum entre adolescentes é o comportamento suicida. Das crianças e adolescentes que recorrem aos serviços de pronto atendimento por motivos psiquiátricos, mais de 75% está acima de 13 anos (predomina o sexo feminino), sendo que 50% envolvem tentativa de suicídio ou alterações do comportamento. (KUCZYNSKI, 2014, p. 248)

Em crianças/adolescentes, o comportamento suicida envolve pensamentos sobre provocar intencionalmente danos ou a morte auto infligido (ideação suicida) e atos que causem danos (tentativa de suicídio) ou a morte (suicídio). (KUCZYNSKI, 2014, p. 248)

A tentativa de suicídio (com o intuito claro de morte ou como instrumento de manipulação dos demais) se definiria pela prática de um ato com a crença de ser capaz de se matar, sem sucesso fatal. (KUCZYNSKI, 2014, p. 248)

Há que se atentar para as menos divulgadas condutas paras suicidas, atos deliberados que mimetizam o suicídio, mas não resultam em desenlace fatal, independentemente da gravidade médica ou intencionalidade psicológica. (KUCZYNSKI, 2014, p. 248 e 249)

Seria o uso/abuso de substâncias psicoativas uma modalidade de paras suicídio? E o que dizer da gravidez indesejada (e do aborto) entre adolescentes, na maioria das vezes moças com informação suficiente para escolher se querem ou não uma gravidez? (KUCZYNSKI, 2014, p. 249)

Não há estatísticas sobre quantos profissionais da Saúde sofreram coerção nos serviços de emergência para suprimir a palavra suicídio de seus relatórios de encaminhamento para procedimentos de autópsia. Seria o suicídio na infância uma “crônica da morte anunciada” (via final de toda uma vida de abusos, psicológico, físico e/ou sexual)? É fato que o modelo de imitação responde por boa parte dos casos de suicídio e tentativas de suicídio entre adolescentes, a partir de influência midiática. A mídia é o terceiro maior motivador de suicídios, vindo atrás apenas do desemprego e da violência, para todos os grupos de pessoas. Um modelo de estimativa por poodle regressivo mostrou que o aumento de 1% na mídia eleva a taxa de suicídio de indivíduos jovens do sexo masculino (entre 15 e 29 anos) em 5,34%, sugerindo uma espécie de efeito contágio nas taxas de suicídio, apoiando (ainda) a hipótese de que a violência seja um dos fatores incentivadores dessas taxas. Quanto mais violenta for a localidade, maior sua respectiva taxa de suicídio. Novamente, são os mais jovens do sexo masculino os mais expostos ao risco de suicídio. (KUCZYNSKI, p. 248 e 249, 2014)

A diferença entre a antiguidade e os dias atuais é que o suicídio está ligado a não só fatos de heroísmo, mas sim sendo olhado de forma mais significativa, considerando que nem todos são atos de egoísmo ou heroísmo, mas sim que envolvem situações de sofrimento e angústia e nos dias atuais, e vem crescendo de forma significativa em todas as faixas etárias. “Na pós-modernidade, respaldada pelos aportes científicos, a responsabilidade pelo suicídio diluiu-se em um conjunto complexo de influências que consolidaram, desde o século XVII, o novo olhar sobre o indivíduo – antes pecador, agora vítima”. (PEREIRA, 2017, p.2).

O suicídio é considerado um assunto de políticas públicas e precisa ser encarado com outros olhos, requerendo maior atenção de pesquisadores e dos profissionais de saúde. Lidar com a morte causa terror para o ser humano, pois trata de se enxergar como um sujeito finito. Quando se trata de morte voluntária, assusta ainda mais, incomodando, inquietando e revoltando as pessoas as quais precisam lidar com esse tipo de situação, causando um terror para o ambiente aonde ocorreu. Trata-se de um assunto envolto em tabus, polêmico e que gera muita angústia. Ainda permanece envolto em uma aura de pecado, vergonha e preconceitos. É

como se estivéssemos no século XVII, na Inglaterra, quando o corpo do suicida era atravessado por uma estaca e colocado numa encruzilhada, com uma pedra sobre sua cabeça, para que não voltasse e assombrasse os vivos. O suicida era tratado como um criminoso ou um vampiro. (PEREIRA, 2017, p.2).

É preciso que a sociedade seja sensibilizada e comece a entender o suicídio como um grito de socorro. (PEREIRA, 2017, p.2.).

No Brasil, o número de suicídios vem aumentando significativamente, principalmente entre jovens e adultos jovens. Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, o tal de suicídios no Brasil, em todos os sexos e faixas etárias, foi de 4 óbitos para cada 100 mil habitantes, embora esses dados sejam subnotificados, pois nem todos os óbitos são registrados como suicídio, às vezes atendendo pedido da família do suicida, que teme ser estigmatizada. Segundo esses dados, 24 pessoas morrem diariamente no Brasil por conta do suicídio, mas além da subnotificação, essa informação acaba por não ser divulgada, sob alegação de evitar o efeito de contágio. A relação entre a mídia e o suicídio é muito delicada, pois não é tão recente a ideia de que a mesma pode influenciar o suicídio, levando em consideração a forma como o tema é tratado o tema na imprensa, sendo associado ao sensacionalismo. (PEREIRA, 2017, p.03).

Os acidentes, as mortes acidentais ou homicídios acabam tomando conta da atenção, sendo banalizados, fazendo com que as pessoas minimizem ou naturalizem o suicídio, condenando ou culpabilizando o suicida e sua família. (PEREIRA, 2017, p.03).

Apesar da Organização Mundial de Saúde (OMS) ter classificado o suicídio como problema de saúde pública, pode-se observar nos atendimentos emergenciais, que ao chegar um paciente que tentou suicídio, o mesmo é tratado com incompreensão, como se quisesse apenas chamar atenção. A realidade mostra que a maioria dos profissionais de saúde não são preparados para lidar com o suicida. Surgem no profissional sentimentos como raiva, culpa, remorso, impotência, dentre outros. A equipe pode se sentir agredida, afinal sempre aprendeu e foi treinada para salvar vidas. (PEREIRA, 2017, p.04).

Este comportamento de invisibilidade e preconceito é o reflexo de uma cultura que vê o suicídio como um tabu e condena a pessoa que atenta contra a própria vida sem ao menos buscar um olhar mais profundo da situação, ou seja, procurar entender o que a motivou ao ato,

encaminhando-a para uma ajuda profissional especializada, fazendo o trabalho da prevenção, recomendado pela OMS. (PEREIRA, 2017, p.04).

A internet tem sido influenciadora em casos de suicídio, a partir da sugestibilidade, indução e instigação, fazendo isso através de fóruns de pesquisa e redes sociais, fornecendo todas as dicas de como cometer um suicídio. Hoje, as principais causas de mortalidade - lesões, homicídios e suicídios - e as morbidades de longo prazo que iniciam predominantemente na infância - obesidade, comportamentos de risco à saúde, uso de tabaco, álcool e drogas ilícitas - já foram associadas ao aumento de exposição às mídias. As mídias envolvem os jovens de forma poderosa. É durante a adolescência que elas estão mais envolvidas com celulares, jogos online e mídias sociais, ao mesmo tempo em que se afastam dos pais e de outras tarefas e interações reais importantes para o desenvolvimento. (PEREIRA, 2017, pg.02).

Pesquisas demonstram a correlação significativa entre a dependência da internet, depressão e ideação suicida em adolescentes, possivelmente mediados pela depressão, os conteúdos dos sites da internet parecem também ter importante influência no suicídio. Existem vários sites que encorajam abertamente atos e comportamentos suicidas. As pessoas mais vulneráveis, com problemas sociais e psicológicos, têm acesso fácil a esses conteúdo. Sites pró-suicídio fornecem fórum aberto para discutir métodos e planos para cometer o ato real. Outros promovem pactos de suicídio, onde dois ou mais indivíduos concordam em suicidar-se juntos. (PEREIRA, 2017, p.04).

E há ainda os jogos e desafios virtuais que promovem e estimulam o suicídio, como o Jogo da Baleia Azul, que teve os primeiros relatos de casos na Rússia e consiste em uma série de 50 desafios, cujo objetivo final do jogador é acabar com a própria vida, e tem movimentando as redes sociais, feito vítimas entre adolescentes. (PEREIRA, 2017, p.04).

Tal contexto de aumento dos casos de suicídio tem exigido uma atenção que até então não possuía. A associação entre o quadro de depressão maior e o suicídio tem sido bastante descrito, levando ao entendimento que a depressão é um fator de risco para o suicídio e sendo apontada como a quarta doença mais presente no mundo. (PEREIRA, 2017, p.05).

O risco de suicídio é menor quando a doença é tratada ou está em remissão. Por isso a atenção precisa ser voltada para a promoção e prevenção da saúde mental. (PEREIRA, 2017, p.05,).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo essa pesquisa não é conclusiva, mas apenas indica algumas reflexões sobre o assunto, nem tão pouco tem a pretensão de sanar o problema, mas apenas trazer mais um pouco de luz, relativo ao assunto.

Dessa forma leciona Almeida, 2017, p. 19, que “o suicídio deve deixar de ser um tabu ou um estigma social e passar a ser cada vez mais visto como um problema de saúde coletiva que atinge todas as classes e pessoas”, por que, “mesmo que alguns indivíduos tenham mais disposição para esse tipo de morte ou se situem em um grupo de risco para o mesmo”. Não devemos esmorecer na sua busca por diminuir os números de sua ocorrência, ainda mais, entre nossos jovens.

Nesse sentido apenas com a prevenção podemos “livrar a sociedade desse mal”, mesmo sabendo que, “não é tarefa fácil, sendo necessário, a nosso ver, um processo de transformação social capaz de libertar os indivíduos dos valores sociais capitalistas e das correntes que os prendem a uma lógica de exploração e não superação de práticas como o tradicionalismo”, ocasionadas pelas “paixão doentia, o servilismo e a desilusão de fazer parte de uma sociedade onde o modo ter oblitera o modo ser e, conseqüentemente, o livre desenvolvimento de nossas potencialidades”. (ALMEIDA, 2017, p. 19)

## REFERÊNCIAS

**ALMEIDA**, Felipe Mateus de. O SUICÍDIO: CONTRIBUIÇÕES DE ÉMILE DURKHEIM E KARL MARX PARA A COMPREENSÃO DESSE FENÔMENO NA CONTEMPORANEIDADE. Disponível em: <

[www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/7306/5248](http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/7306/5248)

> Acesso em: 13 julho 2019.

**KUCZYNSKI**, Evelyn, Suicídio na infância e adolescência, Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0246.pdf> >, Acesso em: 01 de Julho de 2019.



**PEREIRA**, Ellen Caroline Oliveira, **MACÊDO**, Cinthya Karina Ventura, **FARIAS**, Aponira Maria de, Disponível em :<

[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO\\_EV071\\_MD1\\_SA5\\_ID1312\\_15052017231858.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV071_MD1_SA5_ID1312_15052017231858.pdf) > Acesso em: 01 de Julho de 2019.

**RIBEIRO**, José Mendes, **MOREIRA**, Marcelo Rasga, Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf> >, Acesso em: 01 de Julho de 2019.